

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

MARCOS HENRIQUE FRIES

O LUGAR LITÚRGICO EM PERSPECTIVA LUTERANA

São Leopoldo

2005

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARCOS HENRIQUE FRIES

O LUGAR LITÚRGICO EM PERSPECTIVA LUTERANA

Dissertação de Mestrado Profissionalizante  
para obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação  
Mestrado Profissionalizante em Teologia:  
Área de Concentração: Liturgia

Orientador: Prof. Dr. Nelson Kirst

São Leopoldo

2005

## SUMÁRIO

Introdução .....	4
<b>CAPÍTULO 1:</b>	
<b>Fundamentos antropológicos e litúrgicos</b>	
dos locais de celebração .....	6
1.1 - A dimensão antropológica do lugar litúrgico .....	6
1.2 - Os centros e espaços litúrgicos .....	10
<b>CAPÍTULO 2:</b>	
<b>Os aspectos visuais nos templos em perspectiva luterana: função</b>	
<b>cognitiva .....</b>	<b>15</b>
2.1 - A arte a serviço da comunicação do Evangelho ...	15
2.2 - Imagens sacras: a Bíblia do povo .....	18
<b>CAPÍTULO 3:</b>	
<b>A simbologia dos centros e espaços litúrgicos sob a ótica da</b>	
<b>confessionalidade luterana .....</b>	<b>21</b>
3.1 - A simbologia dos centros litúrgicos .....	21
3.2 - A simbologia dos espaços litúrgicos .....	24
<b>Conclusão .....</b>	<b>32</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

No contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, competem duas preocupações: a renovação litúrgica e a reafirmação da identidade confessional. Em si, ambas as frentes de reflexão não estão em desacordo, mas considerando-se que os escritos do período da Reforma pouco ou nada refletem sobre liturgia, surge reiteradamente a pergunta pela fidelidade confessional quando da publicação de um novo artigo acerca da prática cultural das comunidades.

No que tange à questão do lugar litúrgico, quer dizer, do espaço destinado para a celebração do culto, acontece algo parecido. A ciência litúrgica, com base na antropologia e no estudo das fontes da liturgia cristã, vem indicando caminhos que não estão mencionados nos documentos confessionais, pelo menos não expressamente. Isso requer uma leitura dos textos reformatórios interessada em auscultar, nas entrelinhas, a partir da teologia, o modelo de lugar litúrgico mais coerente com a tradição luterana. É isso, pois, que se pretende com esse trabalho.

Partiu-se da concepção luterana de culto, qual seja: culto é (1) serviço de Deus em favor da comunidade, evento no qual Deus serve as pessoas com Palavra e Sacramentos, ou seja, com o Evangelho de Jesus Cristo, e (2) serviço da comunidade para Deus, como resposta à sua ação. Portanto, a tese básica que orienta o texto a seguir é a de que lugar litúrgico é lugar que deve possibilitar, de todas as maneiras possíveis, a

manifestação de Deus em nosso favor, bem como a nossa resposta de louvor à sua revelação.

O primeiro capítulo é instrumental, quer dizer, apresenta conceitos, definições e teses que embasam o todo dessa pesquisa. Ele traz uma breve fundamentação antropológica do lugar litúrgico, com especial atenção para a relação da identidade pessoa e grupal com os espaços e a sacralização destes. Ainda nesse capítulo, apresenta-se um panorama da compreensão que a ciência litúrgica tem dos locais de celebração, já que é a partir desse prisma que se desenvolvem as reflexões ao longo de todo o trabalho.

O capítulo dois traz um esboço histórico-sistemático da concepção luterana de símbolos e imagens sacras, pois ao se falar de lugar litúrgico está-se aludindo, principalmente, aos aspectos visuais dos templos e ao seu potencial como recurso simbólico, que auxilie a comunidade na celebração.

No terceiro capítulo, analisa-se pormenorizadamente cada um dos centros e espaços litúrgicos dos locais de celebração à luz da teologia evangélico-luterana, e apresentam-se sugestões para a prática das comunidades.

Vale dizer que esta leitura do lugar litúrgico sob uma ótica teológica preocupa-se, sobretudo, com os aspectos simbólicos articulados pelos locais de culto, e não tanto com os aspectos funcionais. Isso porque a preocupação motivadora dessa pesquisa é verificar até que ponto os templos são reflexos da teologia dos grupos que nele se encontram para o culto ou, mais especificamente, como os locais de celebração das comunidades luteranas podem auxiliar para o fortalecimento da identidade confessional e da fé de seus membros.

**CAPÍTULO 1:**  
**FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS E LITÚRGICOS DOS**  
**LOCAIS DE CELEBRAÇÃO**

**1.1 - A dimensão antropológica do lugar litúrgico**

Todo ser humano, em seu processo de desenvolvimento, só consegue formar sua identidade a partir das experiências vividas em determinado espaço. Um adulto, em seu jeito de ser e encarar o mundo com seus desafios, traz as marcas do lugar onde nasceu e viveu. Estar longe e desarraigado do lugar vivencial é extremamente angustiante e perturbador<sup>1</sup>. Maraschin menciona a "Poética do Espaço", de Bachelard, para quem o ser humano, sem casa familiar, é um ser disperso. E está certo em acrescentar a essa teoria o fato de que, no Brasil, enormes contingentes de pessoas sofrem exatamente pela falta de um lar<sup>2</sup>. Denúncia semelhante é apresentada por Westhelle, ao falar da usurpação das terras latino-americanas por uma minoria rica e exploradora e a desapropriação de uma maioria oprimida de seus "espaços vitais"<sup>3</sup>.

A identidade do ser humano está profundamente marcada pelos valores culturais que determinam seu ambiente vital. Ele carrega estas marcas culturais em todos os momentos de sua existência, não podendo suprimi-las quando achar conveniente. A psicanálise diria, inclusive, que a personalidade da pessoa resulta da sua adaptação a determinado ambiente cultural<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Vítor WESTHELLE, Os sinais dos lugares, p. 262.

<sup>2</sup> Jaci MARASCHIN, A beleza da santidade, p. 80.

<sup>3</sup> Vítor WESTHELLE, Os sinais dos lugares, p. 262.

<sup>4</sup> A. N. TERRIN, Antropologia Cultural, p. 69-70.

Em resumo, a identidade se constitui em lugares vivenciais determinados. Nesse lugar, porém, além da identidade, também se desenvolve um sentimento de pertença, de comunhão, que proporciona ao ser humano uma sensação de segurança e familiaridade com seu ambiente vivencial. Numa pesquisa realizada pelo IEPG em 1995, em uma comunidade evangélico-luterana, constatou-se que pertença é a noção de que determinado lugar existem em função das pessoas e que elas existem em função daquele lugar. Tem a ver com o fato de todos os habitantes de uma localidade estarem ali pela mesma razão, como por exemplo a participação numa comunidade em que todos buscam a proximidade e a amizade de Deus, e em que todos acreditam que o templo da comunidade existe para eles<sup>5</sup>.

O sentimento de pertença, por sua vez, estabelece uma mobilização coletiva em prol da preservação da memória da comunidade e também da pureza do grupo<sup>6</sup>. As pessoas sentem-se ameaçadas por valores culturais distintos dos seus, fomentados por indivíduos oriundos de outros lugares ou tradições religiosas. De certa maneira, isso explica o conservadorismo dos membros da comunidade em Vale da Pitanga no tocante ao seu espaço de culto. A maioria dos entrevistados não propôs nenhuma reforma ou modificação do templo<sup>7</sup>.

Maraschin, ao aludir ao templo como casa de Deus, afirma que a casa de Deus é nossa. Isso porque, na igreja “concentram-se os sonhos da raça humana”, quer dizer, fortalecem-se os laços de um grupo a partir de um interesse comum. Tal perspectiva também denota a idéia de pertença e a sua vinculação com o espaço.

Em síntese, o lugar vital, o ambiente em que se mora, os valores culturais que se cultivam são determinantes para o

---

<sup>5</sup> Nelson KIRST, Culto e Cultura em Vale da Pitanga, p. 57.

<sup>6</sup> Marcelo Ayres CAMURÇA, A sociologia da religião de Daniele Herviou-Léger, p. 251.

<sup>7</sup> Nelson KIRST, Culto e Cultura em Vale da Pitanga, p. 50 e 57.

desenvolvimento da identidade do ser humano. Sem a referência de um espaço vivencial, o indivíduo estará disperso e será incapaz de reagir às constantes mudanças impostas pela pós-modernidade. Além disso, o sentimento de pertença a um determinado lugar, como união de forças e idéias em prol da preservação da memória e da existência de grupos, é fundamental para o pleno desenvolvimento humano.

Entre esses espaços vivenciais que contribuem para o desenvolvimento da identidade está o local de celebração, o espaço destinado para o encontro com Deus. Este é considerado um espaço sagrado e, por isso, distinto dos demais<sup>8</sup>. A princípio, poder-se-ia achar que “espaço sagrado” é especial porque é santo em si mesmo. Entretanto, não é este o significado que se tem em mente quando se chama o espaço do culto de “espaço sagrado”. O templo de uma comunidade cristã é sagrado porque Deus se revela ali. Pelo fato de, no culto, Deus se revelar a nós por meio da Palavra e dos Sacramentos é que o espaço onde ele acontece se torna sagrado. Noutras palavras, o evento sacraliza o espaço<sup>9</sup>.

Evidentemente, não importa muito qual espaço se destina para a celebração, pois decisiva é a auto-doação de Deus. Mas isso não significa que o local onde esta auto-doação se realiza não mereça um mínimo de atenção e cuidado. É que, como salienta White, após o evento, ou seja, após a manifestação de Deus, “o lugar se torna relevante como portador de significado”<sup>10</sup>. A partir da ação divina, este espaço será sempre lembrado como o local em que Deus se revelou.

É assim também que acontece em outras dimensões da vida, como, por exemplo, o lugar onde conhecemos alguém especial, o lugar onde estávamos no momento em que recebemos uma notícia importante, o lugar onde nasceu nosso filho ou morreu nosso

---

<sup>8</sup> Mircea ELIADE, O Sagrado e o Profano, p. 21.

<sup>9</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 66.

<sup>10</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 66.

avô. Após esses acontecimentos tão significativos para a vida, esses lugares nunca mais serão os mesmos, pois cada vez que passarmos por eles seremos lembrados do que lá aconteceu<sup>11</sup>.

Maraschin, ao falar do espaço da liturgia, utiliza a imagem da casa para ilustrar um lugar, que, mais que outros espaços, está imbuído de grande significado. A casa, afirma ele, é o “lugar primeiro do sonho e do desejo<sup>12</sup>”. É, pois, na casa que se tem as primeiras experiências de convívio social, de alegria e também de tristeza. Ela é o reduto da família, o lugar de descanso, de planejamento e avaliação da jornada da vida. É, então, um lugar sagrado.

O termo “sagrado” vem do grego *temenos*, que quer dizer “separado”. Desta mesma expressão grega, deriva também o substantivo português “templo”<sup>13</sup>. Logo, entende-se que um lugar sagrado é um lugar separado dos demais por uma razão específica e para um fim específico. Dado o seu significado, a sua importância para a história de vida de alguém, tal lugar na será visto como “mais um” entre tantos outros. Ele será apartado do rol dos lugares comuns para ser consagrado como um lugar especial.

A sacralização do lugar litúrgico acontece pelas mesmas razões. Porque nele Deus se revela, através de Palavra e Sacramentos, o lugar do culto se torna um espaço imbuído de significado, separado dos demais espaços e, por isso, sagrado. Nas palavras de Eliade, o templo de uma comunidade cristã é tido como sagrado por causa da “irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território no meio cósmico que o envolve e torná-lo qualitativamente diferente”<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Mircea ELIADE, O Sagrado e o Profano, p. 24. Para Eliade, os espaços imbuídos de significado para os seres humanos, dadas as suas vivências neles, são “os lugares sagrados do seu universo particular”.

<sup>12</sup> Jaci MARASCHIN, A beleza da santidade, p. 80.

<sup>13</sup> Cf. Frank SENN, Christian liturgy, p. 22.

<sup>14</sup> Mircea ELIADE, O Sagrado e o Profano, p. 25.

## 1.2 - Os centros e espaços litúrgicos

Conforme James White, para que a liturgia seja desempenhada satisfatoriamente são necessários três centros litúrgicos e seis espaços litúrgicos. Essa exigência se dá em razão do postulado de que no culto se deve “falar, agir e tocar publicamente em nome de Cristo”<sup>15</sup>, quer dizer, como o culto cristão é caracterizado por palavras, ações e gestos, a arquitetura do templo deve prever condições físicas para que esses elementos tenham lugar e vez.

A relevância dos centros e espaços litúrgicos se deve, em primeiro lugar, à sua funcionalidade, ou seja, eles existem por uma questão de conveniência, têm uma função na liturgia, servem a algum objetivo. Assim sendo, vejamos mais de perto em que consistem esses centros e espaços litúrgicos.

Os *centros litúrgicos* são três móveis, devidamente situados dentro do templo, donde é possível dirigir a pregação (púlpito), a Ceia do Senhor (mesa da eucaristia) e o Batismo (pia ou fonte batismal).

Do ponto de vista funcional, uma mesa é necessária para que os elementos da Ceia não tenham que ser depositados no chão, o que seria muito inconveniente na nossa cultura, já que é ao redor de uma mesa que se faz as refeições. Normalmente, ela é chamada de “altar”, palavra procedente do latim *altus* ou *altare* que significa local elevado onde se faz sacrifícios<sup>16</sup>. Para as primeiras comunidades, porém, esta era a peça sobre a qual se celebrava a refeição eucarística. Com o passar do tempo, ela passou a ser entendida como símbolo da presença de Cristo, o que é sustentado pela Igreja Católico-Romana<sup>17</sup>. Sob essa inspiração, as mesas foram cada vez mais distanciadas da comunidade, encostadas na parede e adornadas com retábulos. Sobre elas foram depositados castiçais, arranjos florais,

---

<sup>15</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 68.

<sup>16</sup> Horst BAUMGARTEN, Símbolos, p. 8.

<sup>17</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de Celebração, p. 40.

Bíblia e cruz. A mesa se tornou assim um foco arquitetônico, carregado de simbologia, mas despojado de sua funcionalidade.

Com relação à *pia batismal*, sabe-se que um recipiente que possa conter a água é fundamental, já que não é mais comum realizarem-se batismos em fontes naturais<sup>18</sup>. Talvez este centro seja o mais marginal na constituição dos templos, pois, nos casos mais extremos, ele não passa de um prato, retirado de dentro do armário somente por ocasião da celebração de um Batismo. As pias surgiram no século VIII, substituindo os “poços” de batismo por imersão<sup>19</sup>.

Outrossim, um *púlpito*, também chamado estante de leitura ou ambão, facilita bastante o trabalho de um pregador, que pode nele apoiar a Bíblia e outros papéis e ter as mãos livres para comunicar-se melhor, além de poder estar num plano mais elevado, o que permite o contato visual com os ouvintes. É uma tribuna para pregadores que, em templos mais antigos, está instalada no alto da parede, entre a mesa e a assembléia.

Também conforme White, além dos centros litúrgicos, seis espaços litúrgicos são fundamentais para a realização do culto: o espaço do encontro, o espaço de locomoção, o espaço congregacional, o espaço do coral, o espaço batismal e o espaço da Eucaristia. Aqui, acrescenta-se ainda o espaço da Palavra.

O *espaço do encontro*, também chamado átrio, é o espaço destinado à chegada e dispersão da comunidade. Possibilita que as pessoas se encontrem e se acolham mutuamente, leiam os avisos no quadro mural, e se preparem para entrar no local de celebração. Ele pode ser interno ou externo, e sua existência evita que o barulho da rua e das conversas atrapalhe a devoção de quem já está acomodado dentro do templo<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> A partir do século VI, passou-se a prever espaços para as fontes batismais dentro dos templos. Cf. Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 37.

<sup>19</sup> Horst BAUMGARTEN, Símbolos, p. 20.

<sup>20</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 70-71; Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 35.

Atualmente, valorização muito o espaço para que a comunidade possa movimentar-se durante o culto. É o *espaço de locomoção*. A comunidade precisa desse espaço para poder ir ao encontro do outro e transmitir o gesto da paz, por exemplo, para colocar-se ao redor da mesa para a comunhão, ou ao redor da fonte batismal, para testemunhar o batismo de mais um membro. Ela precisa de espaço para poder acompanhar os hinos ou cantos litúrgicos com gestos, enfim, para render culto com todo corpo. Desta forma, é necessário prever espaço considerável em torno dos centros litúrgicos, corredores largos e espaços generosos entre as fileiras de cadeiras ou bancos<sup>21</sup>.

O *espaço congregacional*, que também pode ser chamado de nave, é o espaço onde ficam acomodadas as pessoas durante o culto. Esse costuma ser o maior dos espaços litúrgicos, pois o templo é, sobretudo, um lugar destinado para a reunião de pessoas<sup>22</sup>. O ideal é que elas possam enxergar-se, o que desrecomenda as extensas fileiras de bancos ou cadeiras em linha reta, que deixam o templo mais com ar de sala de aula ou ônibus do que de um lugar de comunhão. Uma disposição semicircular dos assentos pode ser a solução. Esse espaço deve ser confortável e possibilitar a participação efetiva na celebração<sup>23</sup>.

O espaço do coral destina-se à acomodação e ao trabalho dos instrumentistas e do coro. Caso se entenda a função desses grupos como animadores/auxiliares da comunidade no canto, então sugere-se que ele seja um espaço visível e próximo da comunidade. Mas deve-se cuidar para que ele não ofusque nenhum dos centros litúrgicos, nem esteja em lugar de demasiado destaque<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 71.

<sup>22</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 71.

<sup>23</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 36.

<sup>24</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 39; James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 71.

Quanto ao Batismo, nele normalmente se pensa em termos de pia ou fonte batismal, o centro litúrgico próprio para a celebração desse sacramento. Mas aqui, advoga-se em favor de uma área onde essa pia ou fonte posa estar dentro do templo. Este é o *espaço batismal*. Tal espaço deve ser previsto para garantir o acesso de toda a comunidade quando realização de um batismo<sup>25</sup>. A partir do século VI, quando o batismo passou a ser celebrado no interior dos templos, e não mais em rios e lagos, as fontes eram localizadas na entrada das igrejas, salientando que o batismo é a porta de entrada para a comunidade, e para que todas as pessoas, ao passarem por elas, fossem lembradas do seu batismo<sup>26</sup>. Entretanto, apesar de a tendência atual ser localizar as fontes batismais na entrada dos locais de culto, importa mesmo é que elas sejam visíveis e acessíveis, não só para as pessoas diretamente envolvidas, como pais e padrinhos, mas por toda a comunidade.

A exemplo do espaço batismal, o *espaço da eucaristia* nem sempre é lembrado. Na melhor das hipóteses, a mesa (ou altar) está associada à Ceia do Senhor<sup>27</sup>, mas sem que seja previsto um espaço ao redor dela para oficiantes e comungantes. Caso ela não seja colocada no centro do templo, no meio da comunidade, convém que há espaço em torno dela<sup>28</sup>, para que as pessoas a possam rodear por ocasião da Ceia, já que a Ceia do Senhor é uma refeição e é em torno de uma mesa que normalmente se faz as refeições. Ela precisa estar próxima da comunidade e não sugerir certa superioridade em relação aos outros espaços e centros litúrgicos<sup>29</sup>. Uma pequena elevação pode ser útil para

---

<sup>25</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 71-72.

<sup>26</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 37.

<sup>27</sup> Em igrejas em que a celebração da Ceia ocorre com pouca frequência, como é o caso de muitas comunidades da IECLB, nem sempre a mesa é associada à Eucaristia. Cf. Nelson KIRST, Culto e Cultura em Vale da Pitanga, p. 54.

<sup>28</sup> Pierre JOUNEL, Lugares de Celebração, p. 704.

<sup>29</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 72.

facilitar sua visibilidade, especialmente em templos muito grandes<sup>30</sup>.

Por fim, pode-se sugerir ainda um sétimo espaço: o *espaço da Palavra*. Ele não é mencionado por White como espaço litúrgico específico, a exemplo dos outros seis, mas a localização do púlpito dentro do templo deve ser cuidadosamente planejada. O púlpito não deve estar demasiado longe da comunidade. Sua localização deve levar em conta que, para uma boa comunicação, o pregador e a comunidade devem poder manter contato visual<sup>31</sup>. Púlpitos no alto, coisa comum em templos mais antigos, não são recomendados, ainda que, dependendo das dimensões do templo, uma pequena elevação seja útil.

Em síntese, é assim, a partir de centros e espaços litúrgicos, que a ciência litúrgica tem apresentado o local de celebração. Sua preocupação primeira é com a funcionalidade dos templos. Quer-se garantir que hajam condições físicas para a celebração dos cultos. Mas não são somente funcionais as qualidades do lugar litúrgico. Cada um dos centros e espaços acima citados tem também um valor simbólico. Ao mesmo tempo em que eles possibilitam e facilitam a celebração, eles também transmitem o significado dela para a vida das pessoas e a própria razão de ser do culto. Tal valor simbólico é o que será estudado nas próximas páginas, a partir do que diz a confessionalidade luterana acerca dos símbolos.

---

<sup>30</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 40.

<sup>31</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 68; Pierre JOUNEL, Lugares da Celebração, p. 705.

**CAPÍTULO 2:**  
**OS ASPECTOS VISUAIS NOS TEMPLOS EM PERSPECTIVA LUTERANA:**  
**FUNÇÃO COGNITIVA**

**2.1 - A arte a serviço da comunicação do Evangelho**

Quando Tillich fala do “incondicional”, ou seja, de Deus, ele afirma que apenas a linguagem simbólica o é capaz de expressar. Isso, porque uma das características do símbolo é que “ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, nos permaneceriam inacessíveis”<sup>32</sup>. Nós podemos, por exemplo, falar magistralmente acerca do sofrimento de Cristo na cruz. Entretanto, quando as pessoas contemplan um crucifixo e observam a coroa de espinhos, os cravos nas mãos e pés e o semblante de Cristo, sempre retratado com uma feição entristecida, elas compreendem muito melhor tal sofrimento. White diria que “a principal função da arte litúrgica é levar-nos à consciência da presença do sagrado, tornar visível aquilo que não pode ser enxergado por olhos comuns”<sup>33</sup>. E, de fato, o Evangelho comunicado no culto não dirige apenas aos ouvidos, mas também aos olhos. Ele pretende atingir o ser humano em sua inteireza. Quer ser ouvido, compreendido, visto e também sentido.

Machado afirma que o templo “é símbolo de Deus que habita entre os homens e anúncio da Jerusalém Celeste”<sup>34</sup>. É verdade que os lugares de celebrações atestam a presença de Deus no mundo. Entretanto, ao contrário do que diz o pensamento

---

<sup>32</sup> Paul TILLICH, Dinâmica da fé, p. 30.

<sup>33</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 90.

<sup>34</sup> Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 34.

veterotestamentário, o templo não é, a princípio, a morada de Deus, mas sim o local onde o ovo se reúne para o culto, e no qual Deus se faz presente através do anúncio da Palavra e da celebração dos Sacramentos<sup>35</sup>. O templo é expressão da fé da comunidade que nele se encontra, e a forma com ele foi projetado e construído influencia sobremaneira os cultos. Eis o que nos diz White nesse tocante<sup>36</sup>:

(...) ao mesmo tempo que a arquitetura está acomodando o culto, ela de forma sutil e inconspícua também está dando forma a este culto. Em primeiro lugar o prédio ajuda a definir o significado do culto para aqueles que ali se reúnem. Tente pregar contra o triunfalismo numa igreja barroca! Tente ensinar o sacerdócio de todos os crentes com um profundo coro gótico jamais ocupado por ninguém exceto por clérigos ordenados!

Além disso, o templo é o espaço de ordem, dentro do caos da cidade, que permite às pessoas experimentarem a paz e a segurança do futuro Reino de Deus. O lugar de celebração é, portanto, um sinal do novo céu e da nova terra que a comunidade cristã espera<sup>37</sup>.

Certamente, muitos dos locais de culto ocupados por cristãos, inclusive evangélico-luteranos, não foram projetados à luz da preocupação com a teologia que a arquitetura poderia transmitir. Em muitos casos, são réplicas de outros templos. No geral, muitos lugares de celebração da IECLB, por exemplo, não dispõem de fonte batismal ou púlpito, de um átrio, de espaços de locomoção e de áreas livres em torno dos centros litúrgicos. Além disso, os espaços congregacionais, por via de regra, são inflexíveis e nem sempre fomentam a comunhão.

O uso correto da arte sacra dentro dos templos é um instrumento importante para a comunicação do Evangelho.

---

<sup>35</sup> Eugênio ABRUZZINI, Arquitetura, p. 83.

<sup>36</sup> James WHITE, Introdução ao Culto Cristão, p. 67.

<sup>37</sup> Jaci MARASCHIN, A beleza da santidade, p. 74; Eugênio ABRUZZINI, Arquitetura, p. 84.

Objetos, pinturas, móveis, esculturas, artes têxteis, vitrais, etc são, ao lado do discurso do pregador, da comunhão eucarística e da celebração do batismo, meios que Deus utiliza para se revelar.

Esta tese foi corroborada também pelos reformadores luteranos. A insistência de Lutero na presença real de Cristo na Ceia, sob a forma de pão e vinho, atesta que “o finito é capaz de comportar o infinito<sup>38</sup>”, ou seja, a natureza imanente e a arte podem comunicar o transcendente, o Evangelho. Por isso, Lutero soube valorizar sobremaneira a arte sacra cristã.

Entretanto, nos inícios de suas atividades, Lutero não era favorável à permanência de imagens sacras nos templos. No *Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg*, enviada a Nicola Hausmann, Lutero inclui vestes, vasos, velas, pálios, órgão, música e imagens entre os acréscimos humanos feitos à missa, os quais ele condena<sup>39</sup>. De igual modo, na *Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico*, de 1524, ele afirma que também quebrara imagens através de seus escritos<sup>40</sup>. Ele via nesses acréscimos humanos uma forma de idolatria, dizendo que Baal, com seus altares, havia se infiltrado na Igreja de Jesus Cristo<sup>41</sup>. Porém, há que se concordar com Lindberg, quando diz que a destruição de imagens era uma espécie de ritual, pois representava o fim de tudo o que lembrava a velha fé, desconstruindo o catolicismo para a construção do protestantismo<sup>42</sup>. Tem a ver, portanto, com as circunstâncias da época, e é a partir dessa novação que se deve ler o episódio do iconoclasmo.

---

<sup>38</sup> Carter LINDBERG, Reformas na Europa, p. 233.

<sup>39</sup> Martinho LUTERO, Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg, p. 158.

<sup>40</sup> Martinho LUTERO, Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico, p. 167.

<sup>41</sup> Martinho LUTERO, Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg, p. 158.

<sup>42</sup> Carter LINDBERG, Reformas na Europa, p. 130.

Mas o mal-estar provocado pelos levantes entusiastas em Wittenberg, especialmente no que tange à distribuição do sacramento nas duas espécies e à iconoclastia, modificaram o tom das sentenças de Lutero contra os “acréscimos humanos”. Na mesma carta à comunidade de Estrasburgo, vê-se que ele considera as imagens, ritos e cerimônias questões exteriores e, por isso, irrelevantes à fé. Adverte que a obsessão em pôr fim às imagens ofusca o que é realmente fundamental: o Evangelho, cujo anúncio deveria ocupar os verdadeiros cristãos<sup>43</sup>. Ele era contrário a qualquer dissensão em torno dos aspectos exteriores, não porque era indiferente, mas porque entendia que nada deveria ser imposto às comunidades, especialmente elementos secundários<sup>44</sup>. Destarte, Lutero pôde confessar que, em respeito aos fracos na fé, toleraria esses usos, até ser possível, sem apelar para a violência, aboli-los de vez<sup>45</sup>. Estava claro para ele que é o Evangelho que opera mudanças, bem como o recurso que Deus utiliza para fazer das pessoas cristãs. Crer no Evangelho é que é o caminho para a salvação, e não varrer dos templos imagens e similares<sup>46</sup>.

## **2.2 - Imagens sacras: a Bíblia do povo**

A aversão de Lutero com relação às imagens começou a mudar a partir de viagens pela Saxônia entre outubro de 1528 e janeiro de 1529. Nessas visitas, Lutero se deu contra da ignorância bíblica e teológica do povo, tanto de leigos, quanto de pastores. Notou que as pessoas acorriam aos templos e ao sacramento por coação<sup>47</sup>. Percebeu que alguma coisa precisava ser feita para que a população compreendesse o conteúdo da fé e,

---

<sup>43</sup> Martinho LUTERO, Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico, p. 166.

<sup>44</sup> Helmar JUNHANS, Temas da Teologia de Lutero, p. 43.

<sup>45</sup> Martinho LUTERO, Missa Alemã e ordem do culto, p. 225; Martinho LUTERO, Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg, p. 159.

<sup>46</sup> Martinho LUTERO, Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico, p. 167.

<sup>47</sup> Martinho LUTERO, Os Catecismos, p. 363.

imbuída dele, pudesse freqüentar os cultos desejosa de ser alimentada com o Evangelho. Escreveu, então, os seus dois catecismos, com o intuito de dar formação cristã genuína àquela gente, especialmente às crianças e às pessoas simples. E, no bojo dessa reflexão, entendeu que imagens e pinturas seriam de fundamental importância para a evangelização do povo, formado em grande parte por analfabetos. Nas palavras de Dreher, Lutero teria afirmado que, “se pudesse, mandaria pintar toda a Bíblia, dentro e fora das casas”<sup>48</sup>. Advogou em favor até de se escrever os mandamentos em toda a parte, não para ostentá-los, mas “para tê-los sempre diante dos olhos e da mente”<sup>49</sup>. Disso, pode-se concluir que Lutero passou a atribuir um valor cognitivo<sup>50</sup> aos elementos visuais no templo, pois lembravam às pessoas a mensagem evangélica, impelindo-as a segui-la. As imagens seriam como que a Bíblia do povo, um recurso didático que ensina os conteúdos da fé, mantém-os sempre visíveis e estimula a devoção. Não são Deus, mas apontam para ele. Não devem ser adoradas ou veneradas, mas simbolizam aquele a quem se deve a adoração e veneração. São representações humanas do Evangelho libertador e salvador, assim como a própria Bíblia o é, já que foi escrita por indivíduos.

Assim, imagens, o que inclui esculturas, pinturas, objetos, móveis, etc são, sim, na compreensão luterana, meios através dos quais o Evangelho é comunicado e Deus se revela. Não são deuses a serem cultuados, mas instrumentos com os quais Deus nos serve no culto, lembrando-nos a obra salvífica de Cristo e inspirando-nos a fé.

Nas próximas páginas, refletir-se-á sobre os valores simbólicos do lugar litúrgico sob o enfoque da teologia

---

<sup>48</sup> Martin DREHER, A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma, p. 57.

<sup>49</sup> Martinho LUTERO, Os Catecismos, p. 446.

<sup>50</sup> O termo “cognição” indica o que é relativo ao conhecimento. Ao fomentar o uso de recursos visuais nos locais de celebração, Lutero parte de um pressuposto racional. Para ele, símbolos e imagens são úteis apenas à medida em que contribuem com a catequese, com a formação cristã da comunidade.

luterana. Entende-se que os centros e espaços litúrgicos tenham a função de representar, simbolicamente, a fé da comunidade reunida em culto e a razão de ser da celebração.

**CAPÍTULO 3:**  
**A SIMBOLOGIA DOS CENTROS E ESPAÇOS LITÚRGICOS SOB A ÓTICA DA**  
**CONFESSIONALIDADE LUTERANA**

**3.1 - A simbologia dos centros litúrgicos**

Centros litúrgicos, já se disse, são os três móveis a partir dos quais se dirige a pregação (púlpito), a Ceia do Senhor (mesa) e o Batismo (fonte ou pia batismal). A análise desses centros desde uma perspectiva teológica, evangélico-luterana, tem como pressuposto a seguinte tese: culto é serviço de Deus em nosso favor. Isso significa que Palavra e Sacramentos são meios da graça, quer dizer, veículos que Deus utiliza para se comunicar com a comunidade e revelar o seu Evangelho da salvação. Entre ambos não há nenhuma tensão: tanto a prédica quanto os Sacramentos têm o mesmo poder de comunicar o Evangelho e servir o ser humano com a graça de Deus<sup>51</sup>.

Assim sendo, vejamos mais de perto quais aspectos simbólicos são articulados pelos centros litúrgicos a partir de uma ótica luterana.

A mesa da Eucaristia, disse Lutero em uma oportunidade, não deveria permanecer fixa na parede, mas próxima da comunidade, podendo ser rodeada durante a comunhão, e permitindo que o oficiante se coloque atrás dela e voltado para o povo durante a Liturgia da Ceia<sup>52</sup>. Sobre ela se celebra um meio da graça, um Sacramento, no qual o Evangelho é dado na forma de pão e vinho. Ao redor dela, tem-se comunhão com todas

---

<sup>51</sup> Hans SCHWARZ e Robert JENSON, Os meios da graça, p. 259.

<sup>52</sup> Martinho LUTERO, Missa Alemã e ordem do culto, p. 225.

as pessoas da comunidade que são agraciadas com o mesmo benefício. Sempre que se entra num templo, ao olhar para a mesa, o indivíduo é lembrado desse ato divino em seu favor e conclamado a dele tomar parte sempre. Além disso, conforme a tradição luterana, em todos os domingos e dias santos a Ceia deveria ser celebrada<sup>53</sup>, sendo que a mesa simboliza a centralidade desse sacramento para a espiritualidade dos cristãos. Porém, haja vista o repúdio de Lutero para o caráter sacrificial em que a missa havia sido transformada, dever-se-ia evitar o termo "altar", pois era sobre um altar que os judeus sacrificavam os animais para a expiação dos pecados, sendo que esta palavra logo traz à mente esta conotação.

Outrossim, é de fundamental importância que a mesa não seja carregada com elementos estranhos à sua função, a exemplo da Bíblia, do crucifixo e da infinidade de papéis sobre ela colocados pelo oficiante durante o culto. Sobre o paramento, um discreto vaso de flores e uma singela vela já são o bastante, pois é o pão e o cálice que merecem destaque neste centro.

A correta postura litúrgica diante deste móvel também precisa ser observada. Se Deus está no meio do povo e se ele faz uso de outras formas para servir à comunidade, não se justifica que os oficiantes se voltem para a mesa durante as orações. Além disso, a mesa é lugar de refeição. A comunhão eucarística, por isso, tem lugar em torno dela. Importante, porém, é que a mesa somente seja utilizada por ocasião da Liturgia da Ceia do Senhor.

A pia ou fonte batismal é símbolo de pertença à comunidade e à família de Deus, do perdão de pecados, da união com Cristo e da doação do Espírito Santo. Por ser o batismo fonte de tamanho consolo e graça, como salientou Lutero, a pia, sempre que contemplada, lembra que todas as pessoas, um dia foram em suas águas afogadas e ressuscitadas para uma nova vida. Lembra

---

<sup>53</sup> A Confissão de Augsburg, p. 36-37.

que o batismo é o berço da comunidade, a partir do qual cresce e se desenvolve a vida cristã. Lutero sugeriu que os batismos fossem realizados em fontes naturais, para que esse afogamento fosse visível e sensível, lamentado o fato de que, ao invés de um mergulho, apenas derramava-se água sobre a cabeça do neófito<sup>54</sup>, prática muito comum ainda hoje. Isso demonstra o interesse de Lutero num maior realismo litúrgico.

Por ser o batismo o ato que insere as pessoas na comunidade, a pia pode estar localizada na entrada do templo, ou disposta em algum lugar que seja de fácil acesso visibilidade, para que a comunidade possa se aproximar e testemunhar o ingresso de mais um irmão na família de fé. Vale dizer, no entanto, que, quando próxima da entrada, ela destaca apenas um dos muitos significados deste sacramento, qual seja, que ele é a porta de entrada para a comunhão dos santos. É preferível, assim, que ela seja móvel, podendo ser colocada em lugares diferentes do templo, dependendo da ênfase que se quer dar ao batismo. Ao lado da mesa e do púlpito, por exemplo, ela expressa que o batismo, assim como a Ceia e a pregação, é um meio da graça de Deus. #####

Lutero não faz menção do púlpito enquanto móvel. Mas além de tê-lo utilizado todas as vezes em que pregou, parece óbvio o valor simbólico que este centro litúrgico recebe, em decorrência da importância atribuída à Palavra de Deus a partir da Reforma. Tal como a mesa da Eucaristia e da pia batismal, do púlpito se comunica o Evangelho, nesse caso em forma de palavra falada: as leituras bíblicas e a prédica. Dele, Deus serve o ser humano com sua Palavra orientadora e consoladora. Do púlpito se anuncia uma palavra diferente das demais pronunciadas no culto: anuncia-se o que Deus tem a dizer. Todas as vezes em que o púlpito é contemplado, o cristão é lembrado

---

<sup>54</sup> Martinho LUTERO, Um Sermão sobre o Santo, Venerabilíssimo Sacramento do Batismo, p. 415.

daquilo que norteia a vida da igreja: a Palavra de Deus, audível na prédica, sensível nos Sacramentos.

O púlpito é o centro litúrgico que deve ostentar a Bíblia, já que é dele que profere o anúncio das Escrituras. Porém, é imprescindível que somente as leituras bíblicas e a prédica sejam proferidas desse móvel. Quando outras partes do culto são dirigidas a partir dele, como orações e avisos, o seu aspecto simbólico, como lugar donde Deus revela a sua graça, fica comprometido. No púlpito acontece um serviço de Deus. A Liturgia de Entrada e a Liturgia de Despedida, cujos elementos são respostas da comunidade ao serviço divino, deveriam ser dirigidas desde o lugar onde a comunidade está, no espaço congregacional<sup>55</sup>.

É importante observar também que os púlpitos não sejam excessivamente altos, o que dificulta o bom êxito na comunicação. Além disso, quando o leitor ou o pregador estão muito distantes da comunidade, pode-se transmitir a impressão de que o próprio Deus está distante.

Em resumo, o serviço de Deus em favor de seu povo, uma das dimensões do culto, tem lugar nos centros litúrgicos, cuja razão de ser ultrapassa o seu valor funcional. A presença deles no local de celebração converte-se em um memorial da ação divina e em uma representação simbólica da presença e atuação de Deus em favor da comunidade.

### **3.2 - A simbologia dos espaços litúrgicos**

Lê-se, no capítulo 1, que para um bom desempenho do culto na comunidade, fazem-se necessários, além dos centros litúrgicos, seis espaços litúrgicos, quais sejam, o espaço de

---

<sup>55</sup> Esta mesma compreensão, de que o púlpito não deve ser utilizado para outras partes do culto, a não ser a Liturgia da Palavra, é sustentada pela Igreja Católico-Romana desde o Concílio Vaticano II. No caso deles, porém, sugere-se um outro móvel, donde possam ser dirigidos os comentários e demais elementos do ordo. Cf. Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 41.

encontro, o espaço de locomoção, o espaço congregacional, o espaço do coral, o espaço da eucaristia e o espaço do batismo. São áreas dentro dos templos destinadas à acomodação e/ou circulação da comunidade celebrante. Do ponto de vista teológico, a partir do que foi dito acerca dos centros litúrgicos, os espaços querem proporcionar, além de funcionalidade, uma compreensão simbólica da razão de ser do culto: um serviço da comunidade para Deus, em resposta à sua ação na prédica e nos Sacramentos. Aqui, a tese norteadora é a de que reunir-se, vivenciar comunhão, ir ao encontro do outro, testemunhar o batismo, cantar e orar são ações comunitárias em resposta à ação divina. Então, vejamos quais aspectos simbólicos, de inspiração luterana, são articulados pelos espaços litúrgicos.

A ciência litúrgica tem mostrado a importância de se prever nos templos uma área destinada ao encontro e dispersão da comunidade. É o chamado *espaço de encontro* ou *átrio*. A princípio, a razão de ser desse espaço é suficientemente convincente pela sua funcionalidade. Mas aqui há um importante valor simbólico: o átrio representa o limiar, ou seja, divide o mundo externo, caótico, do interior do templo, onde se experimenta a auto-doação de Deus e a comunhão, sinais do vindouro Reino<sup>56</sup>. De uma realidade de insegurança e incerteza, perturbação e medo, entra-se, através do átrio, numa realidade de esperança e segurança, de paz e silêncio, que, ainda que não seja o Reino propriamente dito, é um sinal, uma espécie de aperitivo da realidade que será vivenciada lá. E acaso não é a igreja, uma espécie de ante-sala do novo céu e da nova terra<sup>57</sup>?

---

<sup>56</sup> Jaci MARASCHIN, A beleza da santidade, p. 73-76; Regina Céli de Albuquerque MACHADO, O local de celebração, p. 35.

<sup>57</sup> Martinho LUTERO, Os Catecismos, p. 464. Para Lutero, o reino de Deus se manifesta de duas maneiras: "(...) primeiro aqui, no tempo, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação". Considerando que é no culto que a Palavra é anunciada, para promoção da fé, a igreja e o culto adquirem o caráter de sinal e/ou antecipação da plenitude e eternidade

Eis porque o átrio o átrio representa de forma tão expressiva a dimensão de espera e antecipação, chamada na teologia de “tensão escatológica”. Além disso, o próprio ato de encontrar-se já caracteriza uma forma de culto. Reunir-se com outras pessoas é sinal de comunhão, ou do desejo de vivenciá-la, pois a fé cristã deve ser vivida, antes de mais nada, em comunidade.

Tal como o espaço de encontro, o *espaço de locomoção* também tem sua importância normalmente vinculada apenas à sua funcionalidade, por facilitar a participação livre e espontânea da comunidade no culto. Mas também a possibilidade de locomover-se tem um cunho teológico, que pode ser expresso por meio de espaços destinados a ela. Vejamos.

Em primeiro lugar, o ato de locomover-se é sinal da liberdade, da possibilidade de ir e vir, da livre consciência de que gozam os cristãos. Os bancos pesados e altos, e os estreitos corredores (quando existem) foram uma maneira de colocar ordem no recinto do culto, opina Kliewer, numa pesquisa divulgada pelo *Jornal Evangélico* em 1994<sup>58</sup>. Eis a sua crítica: com os bancos nos templos:

(...) implanta-se a ordem. A comunidade é colocada em filas, olhando para frente. As crianças que desaparecem atrás dos encostos altos e não vêem mais nada, são ensinadas desde cedo que na igreja a gente não pode se mexer nem fazer barulho.

Curioso, entretanto, é que a “ordem” que desejavam as autoridades eclesiais ao introduzirem os bancos nos templos era obrigar todos a seguir as ordens do liturgo, impedindo que as pessoas pudessem se olhar, transitar pelos espaços, ir ao encontro dos outros. E tal impedimento fere o conceito básico da fé cristã: a liberdade em Cristo<sup>59</sup>. Ninguém, na opinião de

---

do Reino. O átrio é a expressão plástica desse limiar, dessa tensão entre o já agora e o ainda não.

<sup>58</sup> Gerd Uwe KLIEWER, *Com vara longa*, p. 11.

<sup>59</sup> Martin LUTHER, *Da liberdade cristã*, p. 11 e 21.

Lutero, deve ir à celebração por coação ou obrigação<sup>60</sup>. Pode-se dizer ainda que ninguém deve ser forçado a agir dessa ou daquela maneira ao encontrar-se com Deus. Isso não quer dizer que os acentos não sejam importantes, mas que entre eles deve haver espaço suficiente para a locomoção da comunidade.

Em segundo lugar, a locomoção é um ato cultural em si, pois também o corpo, com seus sentidos, é convidado a participar da liturgia. Não se vai ao culto somente para ouvir, mas para experimentar comunhão, quer dizer, para estar em contato com as demais pessoas. Os espaços de locomoção, portanto, indicam simbolicamente, que não se é cristão no isolamento, mas na caminhada conjunta, na busca do próximo. As áreas de locomoção dentro do templo, como os corredores, simbolizam que ser cristão é ter atitude e disposição para ir ao encontro do outro.

Rico em simbologia é também o espaço congregacional - espaço onde as pessoas ficam na maior parte do tempo. Sua simbologia se expressa, sobretudo, no sentido de comunhão, de proximidade, de unidade, de pertença a um mesmo corpo - o corpo de Cristo. Igreja nada mais é do que assembléia, povo de Deus, que vai ao culto para encontrar-se com ele e com os demais membros desse povo<sup>61</sup>. O espaço congregacional deve, portanto, fomentar essa dimensão de coletividade, de reunião familiar, e não um encontro individual com Deus. Filas de bancos dispostas em, linha reta, e mais, bancos dotados de altos encostos, impossibilitam o contato das pessoas entre si e dificultam a compreensão de que o culto é sempre um evento comunitário<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> Martinho LUTERO, Missa Alemã e ordem do culto, p. 204.

<sup>61</sup> A Confissão de Augsburgo, p. 31.

<sup>62</sup> Nesse tocante, vale lembrar a discussão entre luteranos e católicos, no período da Reforma, sobre as chamadas "missas privadas". Filipe Melancton, na Apologia da Confissão de Augsburgo, art. 24, trata detalhadamente sobre esse tema. Para os luteranos, a missa é sempre um evento comunitário. Cf. Apologia da Confissão de Augsburgo, In: Livro de Concórdia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 95-304.

É evidente que um espaço para a comunidade celebrante se acomodar é imprescindível por questões de funcionalidade. Mas a maneira como ele foi projetado, o modo como os bancos ou cadeiras estão dispostos, influencia positiva ou negativamente o desenrolar da liturgia. Maraschin advoga em favor de um espaço esférico. Para ele o esférico simboliza a plenitude, a eternidade, o encontro ao redor de um centro - Jesus Cristo -, além de possibilitar um contato visual das pessoas entre si<sup>63</sup>.

Aqui, ao se falar sobre o espaço congregacional, acrescenta-se a questão do *espaço do coral*. Este tem um caráter funcional distinto dos demais e, por isso, é considerado um espaço específico. Do ponto de vista simbólico, no entanto, ele nada mais é do que parte do espaço comunitário, já que a função do coro não é, a princípio, fazer apresentações, mas sim auxiliar o canto de todo povo reunido<sup>64</sup>.

Considerando-se que o batismo é um Sacramento, um meio da graça de Deus, há que se dar especial atenção ao *espaço batismal*, a área dentro do templo em torno da fonte do batismo. Este espaço também pode contribuir ou não para a compreensão correta do Sacramento. A fonte batismal é símbolo de pertença à comunidade e à família de Deus, do perdão dos pecados, da união com Cristo e da doação do Espírito Santo. Por ser o batismo fonte de tamanho consolo e graça, como salientou Lutero, a pia, sempre que contemplada, lembra que todas as pessoas, um dia, foram em suas águas afogadas e ressuscitadas para uma nova vida. Para possibilitar que a fonte possa ser vista e trazer à mente a recordação dessa dádiva de Deus, muitas liturgias, com base em antigas experiências da Igreja Cristã, propõem que a fonte seja localizada na entrada do templo. Entretanto, nesse espaço a fonte destaca apenas um dos muitos significados desse Sacramento, qual seja, que ele é a porta de entrada para

---

<sup>63</sup> Jaci MARASCHIN, *A beleza da santidade*, p. 87-90.

<sup>64</sup> James WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 87.

comunhão dos santos. É preferível, assim, que a fonte seja móvel, podendo ser colocada em diferentes áreas do templo, dependendo da ênfase que se quer dar. Ela precisa, porém, ser visível e de fácil acesso. Toda comunidade, e não somente pais e padrinhos, devem poder se aproximar dela para testemunhar o batismo de mais um membro<sup>65</sup>, e para realizarem a rememoração batismal, quando celebrada<sup>66</sup>.

Outro espaço já mencionado por suas qualidades funcionais é o *espaço da Eucaristia*. Nele está localizada a mesa (ou altar). É nele que a comunidade se reúne para a partilha do pão e do fruto da videira. Do ponto de vista de sua funcionalidade, este espaço deve permitir o acesso das pessoas, que o podem rodear por ocasião da celebração da Eucaristia, o que também Lutero defendeu<sup>67</sup>. Já se disse que é ao redor de uma mesa que normalmente se faz as refeições. Sendo a Ceia do Senhor também uma refeição, nada mais óbvio do que as pessoas poderem colocar-se ao redor dela para a comunhão, num espaço projetado para tal finalidade.

Além disso, uma área livre em torno da mesa é importante para salientar que cada pessoa tem livre e pleno acesso a Deus. O espaço eucarístico atesta simbolicamente que Deus acolhe todas as pessoas em sua mesa, assim como Jesus acolheu pessoas indistintamente em suas inúmeras experiências de comensalidade<sup>68</sup>. Cada pessoa é chamada para a comunhão pelo

---

<sup>65</sup> A comunidade é testemunha do batismo, sobretudo quando se trata de batismo de infantes, pois a comunidade assume a tarefa de educar a criança na fé cristã. Para Lutero, "os pequenos são socorridos através da fé alheia, dos que os trazem para o Batismo". Podemos dizer ainda que a comunidade se compromete em acompanhar a pessoa batizada, criança ou adulta, ao longo de sua vida. Cf. Martinho LUTERO, Do cativo babilônico da Igreja, p. 387.

<sup>66</sup> Martinho LUTERO, Os Catecismos, p. 483.

<sup>67</sup> Martinho LUTERO, Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg, p. 168. Aqui Lutero tem em mente que o altar e o coro tenham sido criados para que as pessoas "preparadas" para a eucaristia pudessem comungar, separadas das pessoas "não preparadas".

<sup>68</sup> Martinho LUTERO, Os Catecismos, p. 490.

próprio Deus, sem a necessidade deste contato ter de ser mediado por um membro ordenado<sup>69</sup>.

Essa idéia levou muitos liturgistas a defender que a mesa deva estar localizada no centro do templo. Entretanto, é preciso considerar que a organização interna dos locais de celebração não pode privilegiar um dos centros litúrgicos em detrimento dos outros. Palavra e Sacramentos são meios da graça idênticos em importância. Destarte, a mesa deve ser visível e acessível, mas não pode representar um foco arquitetônico no templo, como se tudo girasse em torno apenas da Eucaristia.

Não há muito o que dizer sobre o *espaço da Palavra*. O próprio centro litúrgico designado para este meio da graça - o púlpito - simboliza para a comunidade a importância da Palavra de Deus na vida da igreja<sup>70</sup>. Aliás, a ciência litúrgica nem mesmo considera o espaço da Palavra como uma área específica, a exemplo das anteriores. Mas é importante considerar que púlpitos cravados no alto das paredes ou pilares dos templos, além de dificultarem uma boa comunicação, transmitem a sensação de distância e inacessibilidade de Deus. Deus veio ao encontro de seu povo através de Jesus, e por meio de sua Palavra, quer permanecer junto às suas criaturas. Ele fala a cada pessoa de maneira pessoal, é companheiro próximo solidário. Através da Palavra, Deus capacita todas as pessoas para o exercício do seu compromisso como cristãs<sup>71</sup>. O púlpito, ostentando a Bíblia e localizado próximo da comunidade, pode representar essa dimensão. Ademais, quando mal disposto dentro do local de culto, o púlpito pode transmitir a idéia de ser a Liturgia da

---

<sup>69</sup> Walter ALTMANN, Lutero e Libertação, p. 124. Conforme Altmann, ao definir a Igreja, Lutero descartou completamente a possibilidade de se sustentar uma hierarquia eclesiástica. A Igreja, para Lutero, é caracterizada pelo povo atento à voz de Cristo. Assim, na Ceia, Cristo se dá a cada indivíduo pessoal e diretamente.

<sup>70</sup> Lutero deu grande valor à pregação da Palavra. Das poucas alterações que fez na liturgia, uma delas foi reintroduzir a leitura e a interpretação da Bíblia no vernáculo. Cf. Martinho LUTERO, A ordem do culto na comunidade, p. 66-69.

<sup>71</sup> Walter ALTMANN, Lutero e Libertação, p. 104-105.

Palavra o ápice do culto, o que foi sustentado por muito tempo em igrejas luteranas, mas não confere com sua confessionalidade<sup>72</sup>. Tal como os Sacramentos, a prédica é um meio da graça, de igual importância e valor.

Resumindo, os espaços litúrgicos, enquanto áreas dentro do local de celebração destinadas à locomoção e acomodação da comunidade, além de proporcionarem conforto e facilidade, sob o aspecto funcional, representam simbolicamente o compromisso das pessoas em servir a Deus, como resposta de gratidão à sua ação prédica e nos Sacramentos, e a liberdade que é ofertada aos seres humanos por meio de Jesus Cristo. Quando bem projetados e utilizados, os espaços servem como recursos visuais que auxiliam as pessoas a entenderem a sua tarefa de, como cristãos, viverem em comunhão, estarem sempre em busca do próximo, serem testemunhas e co-responsáveis pelos demais membros batizados, acolherem-se mútua e indistintamente, tal como Cristo nos acolhe em sua Ceia. Enquanto os centros litúrgicos são memoriais da presença e atuação de Deus, os espaços litúrgicos são memoriais do compromisso assumido pela igreja, em resposta à revelação divina.

---

<sup>72</sup> Em algumas comunidades da IECLB, o púlpito está localizado acima da mesa da comunhão, sendo que o acesso a ele se dá por meio de uma porta atrás da mesa, que leva a uma escada. É possível que este tipo de arquitetura seja influência da tradição reformada, que tem na pregação o seu centro de culto. Infelizmente, até o momento ainda não me foi possível comprovar essa hipótese.

## CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi refletir, desde uma perspectiva luterana, sobre o lugar litúrgico, em especial a partir da simbologia articulada pelos centros e espaços litúrgicos. A re-leitura de alguns textos reformatórios ajudou a responder algumas perguntas importantes quanto à organização do local de celebração das comunidades evangélico-luteranas. Vejamos.

1º) Se o culto é serviço de Deus em nosso favor, que nos serve com o Evangelho, e serviço nosso para Deus, em resposta de gratidão à sua ação, então, além de palavras e gestos, é de fundamental importância o uso de recursos visuais, pois eles possibilitam o acesso a uma realidade racionalmente não nos é perceptível: a presença e atuação do Sagrado. Entre esses recursos visuais, estão os centros e espaços litúrgicos, os quais existem por uma questão de funcionalidade, mas representam ou podem representar simbolicamente memoriais da ação de Deus em nosso favor e do nosso compromisso como pessoas agraciadas pela ação divina;

2º) Lutero, apesar de inicialmente ser contrário ao uso de imagens, admitiu que elas deveriam ter lugar nos templos cristãos, não como focos de adoração, mas como instrumentos didáticos para a comunicação do Evangelho. A função dos elementos visuais no templo é, dessa forma, cognitiva, quer dizer, os recursos visuais devem ser valorizados porque promovem/fomentam o conhecimento bíblico-teológico da comunidade. Esse pensamento se expressa sobretudo na concepção

luterana de que o finito, como as artes, é capaz de comportar o infinito, a realidade de Deus;

3º) Prédica, Ceia do Senhor e Batismo são os meios da graça, eventos cultuais através dos quais Deus comunica o seu Evangelho. Os três têm o mesmo valor e importância, e isso pode ser expresso na disposição dos centros litúrgicos no interior do local de celebração. Mesa, púlpito e pia/fonte batismal devem ser visíveis sem que um sobreponha-se ao outro;

4º) Prever espaços litúrgicos convenientes em projetos de construção e reforma de templos é importante porque eles garantem a livre, espontânea e efetiva participação da comunidade no culto. Simbolicamente, porém, são reflexos, tal como os centros litúrgicos, da teologia da igreja. Eles são a expressão plástica de muitos dos compromissos da comunidade cristã, como a busca do próximo, a convivência solidária, a partilha e o testemunho da fé.

Infelizmente, na IECLB, pouca importância se tem dado à linguagem do espaço. Mormente, o uso inadequado dos centros e a inexistência de bons espaços litúrgicos têm limitado muito as possibilidades de proclamação e vivência do Evangelho. Os templos, não raras vezes, pouco ou nada refletem da teologia da comunidade, ou ainda pior, deixam transparecer uma concepção teológica que não confere com a confessionalidade do grupo que deles fazem uso. Nos últimos anos, porém, a ciência litúrgica tem investido muitos esforços no intuito de fomentar nas comunidades reformas e adaptações dos espaços cultuais. Nesse sentido, é fundamental que o lugar litúrgico também seja pensado a partir da identidade confessional da igreja.

É certo que muitas informações apresentadas nesse trabalho podem ser ainda mais aprofundadas, especialmente a partir da re-leitura de outros textos reformatórios que não foram pesquisados sob o enfoque do lugar litúrgico até o momento. E é evidente que o estudo dessa temática não se esgota na análise

dos centros e espaços litúrgicos. Os aspectos exteriores dos templos, e sua relação com a teologia, por exemplo, também merecem atenção. Isso, porém, poderá ser assunto para uma próxima pesquisa.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ABRUZZINI, Eugênio. Arquitetura. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992. p. 80-87.
- A CONFISSÃO DE AUGSBURGO. In: Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 23-93.
- ALTMANN, Walter. Lutero e Libertação: Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994.
- BAUMGARTEN, Horst. Símbolos: Um pequeno dicionário. Blumenau: Otto Kuhr, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: Sociologia da Religião: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 249-269.
- DREHER, Martin. A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JUNGHANS, Helmar. Temas da Teologia de Lutero. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- KIRST, Nelson (Coord.). Culto e Cultura em Vale da Pitanga. São Leopoldo: EST/IEPG, 1995. (Relatório de Pesquisa não editado).
- KLIEWER, Gerd Uwe. Com vara longa. In: Jornal Evangélico, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1º a 28 de fevereiro, de 1994, p. 11.
- LINDBERG, Carter. Reformas na Europa. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

- LUTERO, Martinho. A ordem do culto na comunidade. In: Obras Seleccionadas. v. 7: Vida em comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 63-75.
- LUTERO, Martinho. Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico. In: Pelo Evangelho de Cristo. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984. p. 163-169.
- LUTERO, Martinho. Do cativoiro babilônico da Igreja. In: Obras Seleccionadas. v. 2.: O programa da Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 341-424.
- LUTERO, Martinho. Os Catecismos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983.
- LUTERO, Martinho. Formulário da missa e da comunhão para a igreja de Wittenberg. In: Obras Seleccionadas. v. 7: Vida em comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 155-172.
- LUTERO, Martinho. Missa Alemã e Ordem do Culto. In: Obras Seleccionadas. v. 7: Vida em comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 173-205.
- LUTERO, Martinho. Um sermão sobre o Santo, Venerabilíssimo Sacramento do Batismo. In: Obras Seleccionadas. v. 1: Os primórdios da Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. p. 413-424.
- LUTHER, Martin. Da liberdade Cristã. São Leopoldo: Sinodal, 1959.
- MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. O local de celebração: arquitetura e liturgia. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MARASCHIN, Jaci. A beleza da santidade: Ensaio de Liturgia. São Paulo: ASTE, 1996.
- SCHWARZ, Hans; JENSON, Robert. Os meios da graça. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert. (Org.). Dogmática Cristã. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 259-395.
- SENN, Frank. Christian liturgy: Catholic and Evangelical. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1997.
- TERRIN, A. N. Antropologia Cultural. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992. p. 63-79.

TILLICH, Paul. Dinâmica da fé. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

WESTHELLE, Vítor. Os sinais dos lugares: as dimensões esquecidas. In: DREHER, Martin (Ed.). Peregrinação: Estudos em homenagem a Joachin Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 255-268.

WHITE, James. Introdução ao Culto Cristão. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)